

ESPERANÇA E PEDAGOGIA: BREVE APRESENTAÇÃO DE ERNST BLOCH,  
SEU PENSAMENTO E ALGUMAS (RE)FLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO

HOPE AND PEDAGOGY: BRIEF PRESENTATION OF ERNST BLOCH, HIS  
THOUGHT AND SOME RE(FLEXIONES) ABOUT EDUCATION

Isaías Batista de Lima<sup>11</sup>  
Enéas Arrais Neto<sup>22</sup>  
Hildemar Luiz Rech<sup>33</sup>

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar Ernst Bloch, seu pensamento e suas influências teóricas, seu sistema filosófico, suas categorias centrais de análise e seu rebatimento possível no campo da educação, particularmente no que tange ao comportamento desta e suas relações com a ciência e seus prospectos quanto a uma filosofia do futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia, Filosofia da Educação, Sociologia do Conhecimento, Gnosiologia.

ABSTRACT

This article have objective present Ernst Bloch, your pensament end theory influences, your philosophic system, your central categories of analyses and your repercussion in education camp, partly your comportment and your relation with the science and your prospect about a future philosophy.

KEYWORDS: Philosophy, Education Philosophy, knowledge Sociology.

O pensamento de Ernst Bloch, em pleno século XXI, ainda continua sendo pouco conhecido na América Latina. As traduções são raríssimas e apenas abrangem fragmentos de sua obra, permanecendo o núcleo central de sua produção de difícil acesso ao meio acadêmico. Daí, Ernst Bloch não ter estado hodiernamente presente nas discussões predominantes da academia apesar do vigor de pensamento, rumo à prospecção de uma

filosofia do futuro fundado n'O Princípio Esperança tão rara de tematização na época atual, face ao presentismo das reflexões e seu apego à imediaticidade do fenômeno, portanto do senso comum e da espetacularização dos fenômenos sociais e suas vicissitudes. Nesse sentido, busca-se apresentar alguns aspectos de seu pensamento a começar pela apresentação do filósofo, sua vida e sua obra<sup>4</sup>.

Ernst Bloch nasceu a 8 de julho de 1885, em Ludwigshafen, Alemanha. Filho de uma família de origem judaica, viveu intensamente o drama dos judeus alemães no século XX. Estudou Música, Filologia, Física e Filosofia (de 1908 a 1911), em Berlim, onde foi colega de Georg Simmel; (de 1911 a 1914), em Heidelberg, onde foi aluno de Max Weber e colega de Karl Jaspers e Georg Lukács, com quem desenvolveu longa afinidade. Com sua formação e convicção humanista e socialista, durante a primeira guerra mundial, Bloch se recusou a lutar, exilando-se na Suíça.

Bloch casou-se pela primeira vez com Else von Stritsky, que morreria precocemente, em 1921. Após a República de Weimar e com o advento do nazismo na Alemanha, em 1933, começa um longo período de exílio – Zürich, Viena, Praga e, finalmente, em 1938, os EEUU, com sua segunda esposa, Karola Bloch. Terminada a segunda guerra mundial, em 1949, Bloch pôde escolher entre a Universidade Goethe, de Frankfurt, na Alemanha ocidental, e a Universidade Karl Marx, em Leipzig, na Alemanha oriental, tendo optado por esta, coerente com seus ideais socialistas. Todavia, suas idéias eram demasiadas livres e originais, demasiadas “idealistas” para o gosto da ortodoxia do partido comunista da então DDR e, após a repressão da rebelião da Hungria em 1956, quando se manifestou solidário com o povo húngaro e contra a intervenção autoritária, o filósofo e seus discípulos passaram a ser vigiados, impedidos de falar, perseguidos, por esta manifestação, em 1961, por ocasião de uma licença para visitar amigos, a família Bloch não retornaria a Leipzig, iniciando o período de Tübingen, na Suávia, ao sul da Alemanha ocidental.

Os últimos dezesseis anos do filósofo foram de intensa atividade docente e também de liderança política, desenvolvida sobretudo como inspiração da geração

estudantil e a partir daquela cidade universitária, academicamente famosa também porque, no século XIX, seus mais ilustres alunos, os jovens Hegel, Hoelderlin e Schelling, honraram o seu seminário luterano de teologia. Ali, às margens do rio Neckar, ao lado da Torre de Hoelderlin, morreu Ernst Bloch a 4 de agosto de 1977.

Em sua longa existência e peregrinação, o filósofo da utopia desenvolveu uma imensa cultura de caráter múltiplo e enciclopédico que transita pela filosofia da música, história da filosofia, filosofia do direito, filosofia da arte, enfim, toda a história da civilização, da cultura, do espírito humano encontra lugar em sua reflexão, sobretudo a história das utopias, que são analisadas nos seus mais diversos aspectos – utopias literárias e filosóficas, mas também geográficas, arquitetônicas, técnicas, médicas, religiosas.

A grande enciclopédica filosófica das utopias desenvolvida pela obra blochiana dá testemunho da abundante informação e profundo conhecimento do filósofo de tudo aquilo que podemos chamar de “margens da história do espírito”, ou seja, de tudo aquilo que move o espírito humano na direção do novo.

O gênero que Bloch escreve é o ensaio, barroco e expressionista. Em seu texto é abundante o uso da metáfora que funcionam como símbolos ou formam alegorias, pelo que se pode dizer que é ao mesmo tempo conciso e prolixo, aberto à múltipla interpretação.

Humanista e socialista, termos que identificam hoje modos de ser e pensar ultrapassados, Bloch manteve fidelidade aos ideais morais e humanos de sua juventude. À obediência ao Estado, preferiu a desobediência ao lado do pacifismo; ao alinhamento ao partido, preferiu a liberdade de pensamento e expressão. Por conta disso, por muitas vezes teve que exilar-se e emigrar, o que tornou a fazer até a idade de 76 anos, quando chegou a Tübingen. As obras completas de Bloch pode assim ser listada: *Gest der utopie*, *Erbschaft unserer Zeit*, *Das Prinzip Hoffnung* (dois volumes), *Subjekt-Objekt*, *Literarische Ausfsatze*, *Spuren*, *Thomas Munzer als Theologe der Revolution*, *Verfremdungen* (dois volumes) *Turbinger Einleitung in die Philosophie* (dois volumes), *Avicenna und die Aristotelische Linke*,

Durch die Wüste, Christian Thomasius ein deutscher Gelehrter ohne Misere, Widerstand und Freiheit, Über Karl Marx, Philosophische Grundfragen I

O pensamento de Bloch tem um caráter de sistema, um sistema aberto em que se combinam dialeticamente o velho e o novo, marcado pela tensão entre o velho que não quer passar e o novo que ainda não veio. Ele integra em seu sistema filosófico o conceito de *matéria dinâmica* em constante *movimento de determinação e indeterminação*, influência de Aristóteles via Avicena e Averróis. Há também a *idéia de tendência*, de Schelling, bem como a influência de Hegel a partir da reafirmação da *unidade dialética entre sujeito e objeto, conhecimento e ser*. E, finalmente, sua maior influência é de Marx com sua *crítica radical à sociedade burguesa, defesa da união teoria e práxis transformadora e a aposta no proletariado com sujeito da história*.

Bloch se distancia do marxismo na *avaliação das superestruturas em sua relação com a infra-estrutura econômica, precisamente ao considerar que os fenômenos da mente humana e as obras da cultura são tão ligados à realidade material e tão determinante no jogo dialético sujeito-objeto que leva a história para frente, ou seja, que tais fenômenos são importantes tanto quanto as relações e produção no mundo do trabalho capitalista*. Este é o aspecto original de Bloch é a *revalorização da faculdade da imaginação humana, provocando uma reconceituação da utopia, possibilitando uma nova versão do marxismo e uma outra direção para a ética* (ALBORNOZ, 1999).

O pensamento de Bloch é embrionário de sua concepção acerca do movimento da matéria, de modo que o não entendimento desta torna impossível penetrar nos conceitos e categorias de análises que faz do ser e seu movimento.

Na filosofia grega a Matéria provém da palavra latina *matéria*, que provém de *mater*, mãe o elemento feminino, fecundável, ventre vazio e passivo, receptivo e fecundável. Assim, a matéria nasce como signo de femininidade em oposição à *forma, Idéia e Eidos*, ou seja, *pensamento*, elemento masculino que trata de ordenar, definir e delimitar as potências indeterminadas e desordenadas da matéria<sup>5</sup>.

De *mater* juntamente com matéria provém a palavra *matérias* ou *madeira*, pertencente ao vocábulo de campesino ou carpinteiro. A selva representa a força selvagem, a natureza exuberante e indisciplinada em oposição à ordem, ao número e a medida, o poder avassalador da natureza incontrolável, misteriosa, capaz de escravizar a ordem racional e de nos fazer selvagens. O cosmos, ao contrário, é o humano, o racional, organizado, definido, limitado e inteligível.

Assim, a matéria, por sua vinculação com o feminino e a selva, abriga o caráter irracional e ininteligível do abismo escuro, do caos primogênito, e que ameaça a ordem racional e inteligível da forma, passível de se contemplar com a inteligência. Estas características de irracionalidade, ininteligibilidade, caos, abismo insondável, mistério que acompanham o conceito de matéria é que se torna objeto de tematização filosófica no correr dos tempos, e, que geralmente a coloca como uma realidade no limite inferior do ser, de modo que oscila entre o ser e o nada.

Daí, na filosofia grega predomina em sua concepção de matéria, o medo ao feminino, a natureza poderosa e instintiva, a vida como lugar de prazer e desfrute. Logo, a matéria adquire seu valor unido à forma, definida pela força racional e que essa relação define sua posição entre a esfera do ser e do não-ser.

Mas, ao mesmo tempo, a matéria é a grande companheira inseparável da forma, é sua substância primeira, potência primeira para receber o ato da forma, e, segundo, potência com a forma, como parte da substância, para receber o ato de existir, de ser.

Essa postura chamada de formalista é assumida de forma extremada por Platão e moderada por Aristóteles, por conta da preponderância da forma sobre a matéria. Entretanto, se se inverte o binômio forma-matéria tem-se matéria-forma e portanto uma nova relação fundamental se estabelece, em que a matéria exerce papel predominante, aliás é ela a verdadeira e única substância, e, a forma nada mais é que acidente que se efetiva na matéria. Essa é a chamada posição materialista.

Segundo Bloch, havia outra visão alternativa no desenvolvimento da matéria no decorrer da Idade Média, graças ao que ele chama de Esquerda Aristotélica que se opõe à direita aristotélica formalizante. Bloch descobre a origem desta esquerda aristotélica a partir de Avicena, em que a matéria é tão eterna quanto a forma, ela é um ser e não necessita de outro para existir. A forma cede à matéria parte de sua realidade eficiente, assim as formas não só levam a matéria dentro de si, como o seu movimento provém essencialmente da matéria. Contudo, esse movimento da matéria não abriga um sentido mecanicista.

Para Avicena, a matéria é algo que em si mesma não tem de modo algum ser, sequer existe senão através da forma, ou seja, não existe em ato senão pela forma. Por sua vez, a forma não possui por-si-mesma ser-em-potência nem é-em-ato. O ser-em-potência é propriedade da matéria, daí convém dizer propriamente que a matéria em si mesma possui um ser-em-potência, mas o em-ato é por meio da forma. Assim, a matéria prima é em si um ser-em-potência e é em-ato pela forma. Este ser-em-potência da matéria é distinto do ser-em-ato da matéria, o qual recebe forma. Pelo ser-em-ato, a matéria participa do ser formal e é por ela que a substância é tal como é; e assim a matéria dá a substância a radical possibilidade de transformar-se e converter-se em outra substância e, portanto, pode deixar de ser a substância que é. Para Avicena, ser-em-potência equivale a potência de ser e a possibilidade de ser. A radical possibilidade de ser significa possibilidade tanto para ser-em-ato como para deixar de ser.

A natureza do ser da matéria é entender-se por uma coisa que recebe outra coisa em sua essência que antes não tinha, ou seja, a forma para juntas constituir uma nova substância. A matéria é a causa material, o ser-em-potência ou a possibilidade de ser, de onde provém todas as substâncias que se engendram no mundo físico, em um tempo concreto, em ser-em-ato e constitui uma substância específica, quando recebe a forma. Toda substância corpórea é um composto de matéria e forma. Por meio da forma a substância é-em-ato esta ou aquela coisa, ou seja, é uma espécie concreta; através da matéria a substância não é para sempre, tem a radical limitação temporal de poder ser outra coisa e deixar de ser a coisa que é agora. Assim, em toda substância composta de

matéria e de forma, se entrelaçam o ser-em-ato da forma com o ser-possível da matéria, que fazem da dita substância algo sem consistência ôntica, ou seja, toda substância é essencialmente um ser no tempo, que depois pode ser outra coisa e pode não ser o que é agora.

Pela união entre a matéria e a forma que constitui a matéria composta, a substância; o ser-em-ato da forma e o ser-em-potência da matéria coexistem em cada uma delas. Pela forma e sua forma de ser-em-ato as substâncias individuais compostas, por exemplo cama, são o que são; pelo ser-em-potência da matéria essas substâncias corpóreas individuais são genéricas e corruptíveis, por exemplo a madeira da cama, continua sendo madeira e sujeita a corrupção do tempo, bem como guarda a potencialidade de converter-se em outra coisa, ou seja, começam a ser e deixam de ser ou se corrompem. Portanto, matéria existe na substância comporta um duplo ser: é-em-ato, causado pela forma, e é-em-potência, pois passível de receber novas formas ou deixar de ser. Sem o ser-em-ato da forma corpórea, não existe a substância individual composta, nem existe o ser-em-potência da matéria, ou seja, sem a concretização do ser-em-ato da forma a substância não existe, nem a matéria prima e seu ser-em-potência. Daí, Avicena, considerar que a forma é a causa da matéria e esta não pode ser constituída pelo causado.

É, portanto, no contexto posto pela relação entre forma e matéria, considerada a partir do ato e da potência é que o atual e o possível se entrelaçam em todas as substâncias compostas. São substâncias gerais e corruptíveis que significa que podem começar a ser e que podem deixar de ser o que são. O atual existe com o possível e o possível existe com o atual.

Para Avicena, o possível é indiferente em relação ao ser e ao não-ser. O ser é ser necessário quando encerra em si mesmo a necessidade de ser, ele necessariamente é. O ser possível é aquele que, por sua própria essência é sempre um ser possível, pode vir a existir, a ser, ou não existir, não-ser.

Os seres possíveis temporais são mais imperfeitos e sua consistência existencial, recebida da Causa Primeira se dá através do Entendimento Ativo e é mais tênue. Por isso, são em ato só por algum tempo, o que significa que do não-

ser atual passam ao ser atual para voltar novamente ao não-ser atual. Sua contingência ôntica faz com que seu ser passe a estar sempre a ponto de dissolver-se, renovar-se.

O possível é potencial em toda substância composta em razão do ser-em-potência da matéria, que precisa de uma causa externa para convertê-la em ato e em virtude de, em si, se encerrar como ser-em-potência é imperfeita e incompleta. A matéria encerra toda a potência de ser, o que significa que abriga toda possibilidade de converter-se em ato. Toda substância que existe no mundo físico, preexistia em potência na matéria. Todo ser atual teve, para existir, que ter sido previamente ser-possível na matéria.

Enquanto, para Averróis, a matéria é ser-em-potência, dotada de um modo de ser que implica disposição de existir depois em ato. Logo, esta definição de matéria leva em conta dois aspectos fundamentais: 1) a matéria é ser; 2) seu ser é ser-em-potência. Desta forma, a matéria se opõe ao não-ser ou ao nada, pois dizer que a matéria é ser-em-potência implica dizer que a matéria não é ser-em-ato, mas chegará a ser ser-em-ato. Sabemos que a forma é o ato e o ato é inerente a forma cuja potência é adquirida da matéria. Contudo, apesar de ser ser-em-potência, a matéria é substância dotada da mais ampla potência ou disposição a receber formas múltiplas.

A matéria prima é o primeiro sujeito que não pressupõe nenhum sujeito a ela anterior, pois se assim o fosse, estaria dotada de forma, esta forma é mais perfeita e limite do ser sensível. A matéria prima, em si mesma, não possui limite algum, não tem nenhum tipo de dimensão ou quantidade determinada, antes do advento da forma substancial, existem as dimensões em potência ou não definidas por seus limites. As dimensões existem, em consequência, na matéria prima em potência, de modo indeterminado. Do mesmo modo que existe na matéria prima, de um modo indeterminado e em potência, a forma ou formas que vão receber forma. Isto nos conduz à opinião de que a matéria prima possui uma quantidade de acidente a partir dos quais se dispõe para receber a posterior forma substancial específica. Ou seja, a matéria prima está sempre acompanhada da forma accidental e que ela jamais se desnuda destas dimensões indeterminadas.



A matéria prima em sua indeterminação ou imperfeição e com sua disposição radical para receber determinações por uma infinidade de formas distintas e substanciais é a origem e a causa imediata de todo o movimento substancial.

Averróis parece estabelecer uma relação de igualdade entre a matéria e sua potencia, ou seja, o ser da matéria é potência ou disposição para existir depois em ato; assim a matéria é reduzida a pura relação com as formas das quais depende ontologicamente. Donde se conclui que todo o existir da matéria provém da forma, por isso não pode existir sem forma, se existisse sem forma, seria como existir o que não existe. Assim a matéria parece como o que não existe, o inexistente.

Daí, conclui-se que as substâncias compostas são unas, mas em razão de ser da forma. A matéria é esta substância individual pela forma, ela contribui ao composto por meio de sua potência, sua disposição para receber forma.

Toda possibilidade é uma relação necessária ao que é possível e pressupõe um sujeito que recebe a coisa possível e este sujeito de possibilidade ou coisa que recebe a possibilidade é a matéria, possibilidade de receber formas distintas e de ser outras coisas distintas do que agora é.

Já a potencialidade ou disposição de receber formas não é uma parte da substância da matéria, nem pertence à definição de matéria. A potencialidade se refere ao predicado da relação e não ao predicamento da substância, assim se insere na substância da matéria prima.

As disposições, potências ou possibilidades que a matéria encerra de receber múltiplas formas substanciais, supõem a possibilidade do devir dos seres ou substâncias distintas do que agora é, seres distintos que não-são, mas que podem-ser.

Averróis ao falar dos seres possíveis da matéria tem assertivas que são emblemáticas, como: “todo o inovado é possível antes de sua inovação” e “tudo o que sempre tem sido possível há de existir necessariamente na eternidade”. Logo, possível e atual, ser-em-potência e ser-em-ato são termos correlativos que não se pode entender um sem o outro. Todo o possível ou em potência é possível apenas

em relação a algo atual futuro ou na medida em que desvendará algo atual futuro ou na medida em que desvendará algo atual. Existe uma relação necessária e essencial entre o possível e o atual e vice-versa. Do atual, do existente, podemos deduzir o possível. O possível é possível não só porque existe no atual, mas também porque em algum momento futuro chegará a ser atual, e, o atual é atual não só porque existe, mas também porque foi possível em algum momento do passado. O possível e o atual se condicionam mutuamente, são partes do pêndulo do ser que se move eternamente e passa do possível ao atual e do atual ao possível.

Nada do possível deixa de fazer-se e nada do que se faz deixou de ser previamente possível. Assim, todo o possível se atualiza e executa. Só é possível o que chega a atualizar-se e se atualiza só o que é possível.

A tese-síntese do sistema blochiano funda-se na assertiva de que no real há um não, resumido na frase: *S ainda não é P*. O sujeito ainda não é o predicado ou ainda não detém todo o predicado que pode ser. Assim, o homem se caracteriza como um ser inacabado. Como o homem é um ser de pulsões e o é precisamente por conta de seu inacabamento tende ao seu epílogo a partir das tendências que lhes constituem. O estímulo de base que mobiliza os homens são suas carências, cuja pedra de toque é a fome, mas as fomes dos homens são diversas em quantidade e qualidade, não se resumem às suas necessidades de existência, há também outras necessidades como as espirituais, estéticas, éticas, sexuais, enfim. Logo, as raízes antropológicas da esperança residem no sentido mais profundo da existência humana – as suas carências. Fato mais elementar, empírico e concreto da existência fenomênica do homem, aparentemente banal, mas que reflete os móveis da ação humana rumo a uma vida melhor e que abriga um sentido de universalidade, que é a possibilidade da consciência que nos remete a uma reflexão ontológica acerca da condição humana concreta e o acesso aos meios de satisfação de nossas necessidades mais primárias. Logo, não é uma reflexão sobre as condições de nossa satisfação individual, mas do gênero humano enquanto tal. É esse patamar de conscientização que permite ao homem os primeiros esboços de uma utopia concreta, universal.

As diversas carências ou fomes dos homens se revelam em seus sonhos. A imaginação, não somente aquela que torna possível a antecipação do objeto acabado que será o fruto do trabalho propriamente humano, mas aquela que torna também possível a antecipação de outros modos de vida alternativos, futuros, ou seja, as utopias; é por esta capacidade que os homens se inserem no processo de modificação constante, próprio da matéria, que está na base do ser da natureza e do próprio homem.

Os sonhos humanos, que manifestam suas carências, se apresentam em duas categorias: os sonhos noturnos e diurnos. Os sonhos noturnos, de acordo com a afirmação de Freud, põem em cena a realização de desejos, que remetem ao passado, ao já não consciente, e aparecem sob a forma disfarçada de símbolos. Enquanto os sonhos diurnos, ao contrário, são os sonhos acordados, vão em busca das possibilidades do futuro e aparecem diretamente em imagens, sem a mediação de símbolos. Enquanto, salienta Bloch, o sonho noturno exige ser interpretado, o sonho diurno exige ser posto em prática, ser efetivado. E se aquele revela nossos traumas infantis, este se volta para a transformação do mundo.

O sonho diurno é de qualidade superior quando se desnuda de seu caráter subjetivista, individual abstrato, e se manifesta como utopia concreta e coletiva, precisamente ao sonhar com uma sociedade onde os trabalhadores detenham o poder, este é um sonho coletivo de qualidade utópica, indicando o novo, o que ainda não é e que, embora não sendo, não é impossível, pois presente no movimento em latência do real. Portanto, o sonho diurno é a base antropológica da utopia concreta, em que o sonho racional prospectivo é o vínculo da esperança, forma desenvolvida do afeto que já não é apenas afeto, mas ato cognitivo. Assim, o sonho diurno é o meio a partir do qual o homem transcende o presente imediato, o fático e projeta o novo, este ao alcance da razão. Nele o homem está prenhe da busca de uma vida melhor, daí tende para o futuro e reclama sua atualização, cujas expectativas repousam nas possibilidades concretas presentes em latência no movimento da realidade

Além disso, a imaginação utópica revela o não acabamento, a incompletude do mundo. O mundo não está fechado, mas em aberto e sujeito a

modificações pois ainda não foram esgotadas em suas possibilidades. Neste sentido, o horizonte da utopia concreta é o que faz aparecer o real como algo em aberto e inacabado e isso inclui as possibilidades latentes em movimento.

Entretanto, os possíveis para Bloch têm graduações, ou seja, os possíveis não são igualmente possíveis. No terreno do ser em possibilidade, em primeiro lugar, há o *possível formal*; o possível apenas no plano da linguagem e do pensamento, portanto abstrato e subjetivo, marcado pelo otimismo irrefletido que ignora as possibilidades presentes no real. Mais preciso que o possível formal é o *possível objetivo no nível dos fatos*, possível no plano do conhecimento, segundo o estado atual da ciência, marcado por um nível de consciência antecipadora, mas parcial e descontínuo e não chegar a uma consciência de uma totalidade em movimento. O terceiro nível do possível, segundo Bloch, é o *possível objetivo-coisal conforme a estrutura do objeto, objetivo, ontológico*, este é o do parcialmente condicionado no plano do ser dos objetos mesmos e em seus comportamentos de coisas, em suas relações de coisas. Neste nível a atividade humana participa de forma consciente do movimento da matéria, do qual não pode escapar, que se passa fora dele e sem ele, logo nega a subjetividade e constrange sua ação sobre o real. E, finalmente, o quarto nível do possível, o mais característico de sua teoria da possibilidade, o *possível real-objetivo, dialético*, possível objetivamente real ou realmente objetivo, que é a própria definição do princípio esperança, que permite entender a relação necessária entre a atividade humana e o dinamismo da matéria, ou seja, *sem a matéria não existe solo para a antecipação (real); mas sem a antecipação (real) a matéria fica sem horizonte* (FURTER, 1974:114). Portanto, é incipiente constatar o movimento da matéria, pois este é cego, é necessário que lhe seja dado um caminho que só o homem por ter consciência antecipadora pode propor. Contudo, não pode ser uma proposição arbitrária, abstrata, metafísica, antes têm que está inscrita nas tendências e latências do movimento da matéria. Em outras palavras, o real está em movimento e cabe ao homem dá-lhe o rumo, dá-lhe um projeto humano.

Bloch reconhece assim a possibilidade objetivamente real de algo, onde há a possibilidade formal e a presumibilidade em função do conhecimento dos

fatos, mais a abertura determinada pela estrutura mesma do objeto real, existem também predisposições subjetivas a ponto de haver já uma determinação para realizar-se, uma “determinidade de futuro”, ou seja, que estejam reunidas as condições objetivas e subjetivas para a determinação do futuro. Esta determinação está presente embrionariamente no próprio movimento da matéria, mas de maneira cega, daí cumpre ao homem transformar a realidade emprestando-lhe uma teleologia, um conteúdo finalístico.

A matéria é dinâmica traz em si mesma o ser-em-possibilidade, bem como o ser-segundo-as-possibilidades; por isto, é determinada, torna-se determinada e determina-se segundo as possibilidades que também são determinações contidas nela mesma. Portanto, não é fruto do arbítrio abstrato de uma intencionalidade subjetiva, mas sem esta não consegue em-si e por-si atualizar-se.

Nesse sentido, o possível já está em germe no real; e por isto é um possível objetivamente real; mas só é real na forma do possível, quer dizer, do não totalmente realizado, tampouco mecanicamente irá se realizar em-si e por-si, apesar dos germes já serem da matéria e da realidade enquanto potência e potencialidade, enquanto disposição para realizar-se. É o ser ainda não realizado, mas possível pela própria base material do ser que aí se mostra como possível, nestes germes de realidade utópica que hoje adquirem realidade sob a forma da obra de arte, do ideal ético ou dos sonhos de superação.

Sendo a esperança uma antecipação do futuro; sendo também um afeto, mas que revela a existência de possibilidades em aberto na base material do ser do mundo, da natureza e do homem e, de certo modo, expressa a percepção de tais possibilidades objetivo-reais, as tendências e latências inscritas no presente; sendo tudo isso, a esperança é uma espécie de conhecimento, o conhecimento do que ainda-não-é; um conhecimento aberto para o devir futuro; uma presciência com base no ainda não realizado mas possível, que parece justamente assim, sob forma de expectativa madura e consciente: como esperança.

Por essa realidade da esperança ancorada no que está por vir concreto, pois tem passagem pelo último nível do possível que é onde além das potencialidades inscritas na matéria como ser-em-possibilidade há também o impulso para o verdadeiro ser do mundo e do homem, projetado sobre um futuro, pode Bloch deduzir a necessidade moral do projeto da utopia.

Por trás do discurso especulativo blochiano, se apresenta uma original teoria do conhecimento em que “esperança” é o nome dado ao conhecimento do que ainda-não-é, à presciência que leva em conta as possibilidades reais-objetivas para o futuro da realidade presente; mas ainda por trás dessa gnosiologia, ou uma nova gnose, o que na verdade ocorre é uma filosofia da ação implícita na opção socialista.

A ética da solidariedade blochiana exige a superação das relações de exploração capitalistas e portanto pode bem ser posta como uma ética de transformação. É pela solidariedade com os explorados, humilhados e ofendidos, que se constrói a nova ética. Portanto, é no contexto das relações entre teoria e prática que se apresenta no texto blochiano que o marxismo deve atingir não só as relações dos homens com a natureza, por um trabalho desalienado, mas as relações entre os homens, mediadas pelas que mantêm com a natureza.

Em resumo: sobre base ontológica e cosmológica posta pelo pensamento de Bloch, ou seja, a matéria e a natureza como agente, o sonho acordado dos homens aparece como sendo o lugar em que se revelam as tendências e latências inscritas na própria matéria. Neste primeiro plano, o sonho acordado perscruta as possibilidades objetivo-reais enquanto possibilidades objetivas de acordo com a estrutura das coisas, ancoradas no subjetivo-objetivo do homem e é o lugar onde se manifesta a força dos seus impulsos e carências.

Assim, o sonho humano é construção de um afeto chamado esperança que, não tendo só afeto, é também ato cognitivo e vai aparecer no pensamento de Bloch como forma de conhecimento das possibilidades para o futuro; conhecimento não é contemplativo, mas ativo ao se tornar ação transformadora do presente que ainda-não-é segundo todas as imanentes do ser em possibilidade. Essa é a base gnosiológica do sonho humano para Bloch.

Finalmente, como momento particular da urdidura da utopia concreta, o sonho acordado já é função de um fim longínquo, que rege a ação transformadora e o otimismo militante; portanto, nesse plano final, o sonho acordado do homem toma um caráter ético, tem o conteúdo de norma ética, é também a norma: essa está no fim último que orienta o sonho. Logo, a esperança funciona como princípio orientador da ação humana, porque tem fundamento no ser material do homem e do mundo.

O caráter ético, moral e utópico que aporta ao pensamento de Bloch remete para algumas reflexões acerca da educação e sua forma de ser. Precisamente por identificar a análise filosófica como devendo se reportar à existência humana aberta ao futuro, a educação abriga exatamente tal conteúdo em seu núcleo fundante, ou seja, formar as gerações presentes para a construção do futuro, certamente no dizer de Bloch, um futuro melhor, uma sociedade melhor, uma sociedade socialista.

Tal reflexão proposta subjacente para a educação deve estar cimentada no entendimento do caráter de inacabamento do homem e do mundo e na perscrutação de suas possibilidades para frente, cuja pedra de toque seja a esperança. Nesse sentido, a educação guarda um compromisso intangível com a luta pela superação das condições de vida atual que aliena, escraviza e impede ao homem o acesso as condições mínimas para a satisfação de suas carências, não no sentido do consumismo alienado da sociedade de consumo, mas no sentido propriamente humano, desalienado. Assim, não pode ser um compromisso por uma satisfação de carência de indivíduos isolados, segregados, mas no sentido universal, gregário, genérico, em que o homem pleno e autêntico esteja presente e sua quiddidade.

## CONCLUSÃO

Este trabalho buscou apresentar o pensamento de Ernst Bloch e seu rebatimento possível no campo da educação. Verificou-se então o relativo desconhecimento de seu pensamento particularmente na América Latina fruto de

poucas traduções de suas obras e ainda assim de modo fragmentário. Apesar do caráter enciclopédico da formação de Bloch e de seu estilo de escrever, sob a forma de ensaio, não comprometeu a profundidade e agudez de seu pensamento, que abriga um caráter de sistema, um sistema aberto ao futuro.

Uma das pedras originárias de seu pensamento, senão a mais importante, é a análise materialista que faz na tematização do ser a partir da concepção do que ele chama de esquerda aristotélica, identificada em Avicena e Averróis. Em Avicena, visão a matéria não se identifica com o não-ser, nem com o nada. Mas, a matéria possui uma forma de ser, ela é ser-em-potência e o é em ato por meio da forma, neste sentido a matéria é causada, na ordem da existência, pela forma. Para Averróis, a matéria é composta por dois aspectos fundamentais, ela é matéria e, o que lhe é específico, ela é ser-em-potência. Assim, em ambas as concepções, a matéria é matéria primeira, matéria-prima, é o primeiro sujeito e não pressupõe nenhum outro a ela anterior. Contudo, ela não tem nenhum conteúdo, limite, quantidade ou qualidade, antes da forma substancial, ou seja, ela é potencialidade múltipla e diversa. Por isso, ela é a origem imediata de todo o movimento substancial. Daí, a matéria é reduzida à pura relação substancial com a atividade da forma que lhe informa. Em outras palavras, as possibilidades da matéria pressupõem um sujeito que recebe essas possibilidades e informa, dando-lhe outra configuração substancial que ainda não têm.

A partir de tal relação Bloch valoriza a faculdade da imaginação humana na relação com a transformação do real, provocando uma nova interpretação do marxismo orientando-o para uma ética. Ao mesmo tempo, que parte de uma antropologia fundada nas carências do homem que se revelam em seus sonhos, que ele chama de sonhos acordados, neles o homem, como ser de carências, projeta suas necessidades e as possibilidades de sua satisfação em modos de vida alternativos do então vigente, encaminhando-o para a utopia. Entretanto, a busca por satisfazer tais carências não se resumem a uma busca de caráter individualista, mas para se tornarem uma utopia concreta, portanto de caráter superior, devem se orientar para a satisfação das carências do gênero. Tal busca é possível precisamente porque a consciência antecipadora revela o caráter



de inacabamento do mundo e do homem que são ontologicamente abertos a novas possibilidades, fruto do próprio movimento substancial da matéria e da capacidade do homem emprestar-lhe uma teleologia.

Nisto reside o conteúdo da esperança, ou seja, a antecipação do futuro, que não é simplesmente satisfação de carências, mas movidas pelo afeto e pelo desejo conforme as possibilidades latentes e abertas no movimento substancial da realidade.

Daí, a educação deve abrigar essa busca pela completude ontologicamente incompleta do homem. Desse modo, é impossível falar em educação, em termos blochianos, sem falar em ética, moral, utopia, desejos. A educação deve abrigar uma epistemologia e uma gnosiologia capaz de compreender os fundamentos científicos do movimento da realidade, ao mesmo tempo em que deve desenvolver uma compreensão de mundo como algo em aberto, inacabado e o resgate do papel do homem como sujeito da busca dessa completude que nunca se esgota, mediado pelo busca de uma vida melhor para o gênero em sua universalidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBORNOZ, Suzana. *O enigma da esperança*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Ética e utopia: ensaio sobre Ernest Bloch*. - 2ª. ed. ver. - Porto Alegre: Movimento; Santa Cruz do Sul, RS: Ed. da Unisc, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Violência ou não-violência*. Sta Cruz do Sul: Edunisc, 2000.
- BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Vol. I., Trad. Nélío Schneider. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005.
- ESTÉVEZ, Antonio Pérez. *La Matéria – de Avicena a la Escuela Franciscana*. Maracaibo-Venezuela: Ediluz, 1998.
- HABERMAS, J. Ernst Bloch – um Schelling marxista. In: Habermans, J. *Sociologia*. (Org. Barbara Freitag e Sérgio Paulo Rouanet). São Paulo: Ed. Ática, 1990.
- KOSIK, K. *A dialética do concreto*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo : Ática, 1991.

MUNSTER, Arno. *Ernest Bloch: filosofia da práxis e utopia concreta*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

FURTER, P. *A Dialética da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

---

<sup>1</sup> Professor Assistente da Universidade Estadual do Ceará (UECE/CECITEC), Filósofo, Especialista Filosofia Política, Mestre em Educação, Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Ceará, Pesquisador do Laboratório de Estudos do Trabalho e Qualificação Profissional – LABOR/UFC, Bolsista do PICDT|CAPES.

<sup>2</sup> Professor Adjunto IV da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC, Arquiteto, Mestre em Sociologia, Doutor em Educação, Pós-Doutor em Filosofia da Arte e Subjetividade, Coordenador do Laboratório de Estudos do Trabalho e Qualificação Profissional – LABOR/UFC. E-MAIL: eneaes\_arraes@hotmail.com

<sup>3</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal do Ceará – UFC, Filósofo, Mestre em Filosofia, Doutor em Filosofia pela Unicamp, Pesquisador do Laboratório de Estudos do Trabalho e Qualificação Profissional – LABOR/UFC.

<sup>4</sup> Apresentação da vida e obra do autor extraído do texto da Prof.a Suzana Albornoz intitulado “Felicidade Prometida”, exposto no site: <[http://www.Unisc.br/cursos/graduação/filosofia/docs/ernst\\_bloch\\_felicidade\\_prometida\\_suzana\\_albornoz.pdf](http://www.Unisc.br/cursos/graduação/filosofia/docs/ernst_bloch_felicidade_prometida_suzana_albornoz.pdf)> Acesso em 04.07.2008.

<sup>5</sup> Na análise do conceito de matéria e seu movimento, tomamos por referência o brilhante livro de Antonio Pérez Estévez intitulado *La Matéria – de Avicena a la Escuela Franciscana*.

ARTIGO RECEBIDO EM 12/02/2009. APROVADO EM 29/03/2009.